

## **«Procuro captar momentos em que o ser humano toca o transcendente»**

Entrevista a Jumpei Matsumoto, natural de Nagasaki e sobrevivente de terceira geração da bomba atômica, que nos fala sobre o seu mais recente filme, “Nagasaki: In the Shadow of the Flash”. No âmbito do 80.º aniversário do fim da Segunda Guerra Mundial, o filme será exibido a 31 de outubro na Biblioteca da Filmoteca Vaticana.

30/10/2025

Jumpei Matsumoto nasceu em 1984 e foi batizado em criança com o nome cristão Kolbe. Frequentou o colégio Seido Gakuen, em Nagasaki, onde teve o seu primeiro contacto com o Opus Dei.

Como realizador de cinema, fez o seu primeiro filme por volta dos 27 anos e estreou-se no cinema comercial aos 30. A sua mais recente obra é a sexta longa-metragem. Conversámos com ele sobre o seu percurso como cineasta e pedimos-lhe que partilhasse as suas reflexões em relação a este filme. A longa-metragem é inspirada nos testemunhos das enfermeiras da Cruz Vermelha que cuidaram dos sobreviventes da bomba atómica sobre Nagasaki, a 9 de agosto de 1945.

**Que o inspirou a realizar este filme? Poderia também falar-nos da influência do seu avô?**

O meu avô não era católico, mas sim hibakusha [sobrevivente do bombardeamento nuclear]. Cresci a ir à igreja em Nagasaki e, desde pequeno, ouvi os ensinamentos de Jesus sobre o amor – como “Amai-vos uns aos outros...”. Sempre quis viver assim.

No entanto, com a idade, confrontei-me com a realidade de uma cidade marcada pela bomba atômica, até porque cresci num dos seus epicentros. Sempre tive consciência dessa contradição – o abismo entre a mensagem do amor e a realidade à minha volta. Acho que essa dissonância alimenta o meu impulso criativo.

Penso que, independentemente de se terem ouvido ou não os ensinamentos de Jesus, todo o ser

humano possui o desejo puro de amar e de ser amado. Mas vivemos num mundo que muitas vezes produz o contrário. Essa contradição é, em grande parte, a minha motivação para criar e explorar a condição humana.

Claro que, como *hibakusha* de terceira geração e católico, desde novo quis fazer um filme sobre a bomba atômica em Nagasaki. Sempre pensei: “Um dia quero fazer um filme sobre a bomba atômica”. Finalmente, tive a oportunidade há cerca de dois anos, quando tinha 38 ou 39 anos. Imaginava que seria mais tarde na vida, mas a oportunidade surgiu antes do esperado.

Senti pressão, claro, mas acima de tudo estava genuinamente feliz por poder fazê-lo. Nos meus filmes anteriores, tratei temas cristãos à minha maneira, mas abordá-los de forma tão direta – especialmente no

mercado cinematográfico japonês – não é fácil. Ainda assim, senti que devia fazê-lo. Fiquei muito contente por poder incluir uma personagem católica como uma das protagonistas principais.

**Ao observar o seu percurso, chama a atenção o facto de ter estudado arquitetura na Universidade de Tóquio e depois ter mudado de rumo para se tornar realizador de cinema. Sonhava ser realizador desde criança?**

De modo nenhum. Entrei na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Tóquio, mas, no início, queria mesmo era ser comediante. O meu primeiro objetivo era tornar-me comediante de *stand-up*. Enquanto estava na universidade, cheguei a frequentar a escola de comédia *Yoshimoto*.

Mas não correu bem. Se isso tivesse resultado, não estaria aqui hoje. Na

Universidade de Tóquio temos um sistema chamado *shinfuri*, no qual escolhemos a especialidade antes do terceiro ano. Queria fazer algo criativo, por isso escolhi Arquitetura. Gostei, mas continuava a querer realizar o meu sonho, e por volta do quarto ano entrei na escola Yoshimoto. Acabei por desistir ao fim de cerca de um ano e continuei com os estudos de pós-graduação.

Nessa altura, decorria a guerra no Afeganistão, e um amigo meu – hoje jornalista do *Asahi Shimbun* – propôs-me realizar um filme independente com uma forte mensagem social. Juntei-me a uma ONG e fiquei responsável pelo lado criativo; foi essa a minha primeira experiência como realizador.

O filme foi exibido na cerimónia da maioridade (成人式, *Seijin-shiki*) do distrito de Suginami. Foi então que percebi: talvez tenha mais aptidão

para realizar filmes do que para a comédia. E assim começou o meu caminho no cinema

**Mencionou que os filmes estão sempre ligados à sua fé. Diria que, mesmo quando o catolicismo não está presente de forma explícita, as suas obras refletem profundamente as suas crenças pessoais?**

Não sei até que ponto a minha fé se reflete nas minhas obras, mas como vivo uma vida de fé, levo naturalmente para o meu trabalho as minhas lutas, dúvidas, misérias interiores e também a minha alegria. Ao fazer um filme, não consigo deixar de refletir a minha própria vida e os meus valores.

Se não ligar as minhas personagens e temas a algo pessoal, não me sinto capaz de fazer um filme com significado, nem consigo criar de forma autêntica.

Para mim, a minha relação com Deus é a coisa mais importante da vida. Por isso, se um filme não incluir esse elemento, perco a motivação. A maioria das minhas personagens não são pessoas de fé, mas, sejam ou não crentes, procuro captar momentos em que tocam algo transcendente. Nesse sentido, creio que a minha vida espiritual se reflete claramente nas minhas obras.

**Como gere o financiamento dos seus filmes? Sobretudo se quiser realizar grandes produções, os obstáculos financeiros podem ser significativos.**

Procuro envolver-me na angariação de fundos sempre que faço um filme, mas não é fácil. Encontrar formas de obter financiamento é um desafio constante.

Dito isto, não tenho qualquer intenção de fazer filmes sobre temas que não me toquem apenas para



conseguir dinheiro. Não quero sacrificar nem ignorar o que realmente desejo expressar apenas pelo sucesso ou pelo lucro comercial.

**Nos últimos anos, tem havido um afastamento notório da leitura, com as pessoas cada vez mais inclinadas para o conteúdo visual. Até vemos vídeos a velocidade duplicada ou triplicada, em vez de os desfrutarmos com calma. Esta mudança também afeta o cinema?**

Parece que sim, que isso se está a tornar norma. Muitas pessoas satisfazem-se com conteúdos curtos, coisas que se podem consumir em 10 ou 15 minutos, durante uma viagem de comboio, por exemplo. Os jovens de hoje tendem a preferir o excesso de informação, e isso representa um verdadeiro desafio para o cinema.

Ainda assim, creio que devo manter-me fiel à minha forma de fazer cinema – o meu estilo e abordagem –

independentemente das tendências gerais.

**Já tem planos para o próximo filme?**

Sim, sem dúvida. Tenho vários projetos em curso. O que sinto como mais urgente neste momento trata do tema do aborto. Alguns aspetos já estão a tomar forma, mas o financiamento ainda não está assegurado.

**Desejamos-lhe muito sucesso com este filme.**

Obrigado. Se este filme tiver sucesso, será muito mais fácil obter financiamento para o próximo.

**A mensagem central de São Josemaria é a santificação do trabalho. Como é que esta ideia influenciou o seu trabalho como realizador?**

Procuro pegar nas minhas experiências – as minhas lutas internas, dúvidas, descobertas e projetos – e vertê-las no processo criativo do cinema. Tento, tanto quanto posso, colocar todo o meu ser no trabalho.

No fim, muitas vezes sinto que não sou eu quem impulsiona o filme, mas que é o próprio filme que me conduz. Essa é a relação que tenho com a minha obra e, através dela, espero oferecer não apenas o filme, mas também a minha vida a Deus.

Claro que ainda sou um principiante em tudo isto, mas procuro viver com esse espírito todos os dias.

*Fujie era uma estudante de enfermagem que participou dos trabalhos de socorro em Nagasaki e cuja história inspirou o filme.*

---

**A realização cinematográfica não é um trabalho solitário. É um processo colaborativo com muitos profissionais. Nesse contexto, como assume o seu papel de testemunho de fé?**

Quando se trabalha em temas ligados à religião católica, muitas vezes a equipa não sabe quase nada sobre a fé.

Neste filme, há cenas passadas em igrejas, e tive de explicar a presença de Cristo na Eucaristia, no Sacrário. A maioria das pessoas não fazia ideia do que isso significava. Há desafios, mas, enquanto eu responder de forma sincera como realizador, a informação chega até eles como algo interessante e valioso.

Atualmente estou na fase de promoção do filme, por isso falo muito sobre a fé nas entrevistas. Muitos acolhem isso com interesse genuíno e até colocam perguntas

mais profundas. Espero que essas ocasiões possam ser pequenos atos de apostolado.

O mesmo acontece com os atores. Aos que interpretam personagens crentes, ofereci um terço e disse-lhes que precisavam de ir à Missa para compreenderem melhor. Disse-lhes: “Se nunca foram à Missa, não conseguirão representar este papel de forma autêntica. Por favor, vão”. Em Tóquio, a igreja de Santo Inácio, em Yotsuya, é a mais acessível, por isso certifiquei-me de que sabiam como chegar lá.

**Para terminar, podia partilhar algumas palavras sobre o tema musical, *Kusunoki*?**

*Kusunoki* é uma canção inspirada na árvore de cânfora bombardeada no Santuário Sanno. Está escrita a partir da perspetiva dessa árvore sobrevivente. Encantei-me com ela desde a primeira vez que a ouvi.

Quando pedi ao compositor, Masaharu Fukuyama, autorização para a utilizar no filme, ele fez-me uma sugestão inesperada: propôs que, em vez de a cantar ele próprio, fosse interpretada pelas três personagens principais. E assim fizemos.

---

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de <https://opusdei.org/pt-pt/article/procuro-captar-momentos-em-que-o-ser-humano-toca-o-transcendente/>  
(11/02/2026)